

RASTILHOS DA MINA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Coleção Várias Histórias

Comissão Editorial

LUCILENE REGINALDO, COORDENADORA (UNICAMP)
JEFFERSON CANO (UNICAMP) – MARGARIDA DE SOUZA NEVES (PUC-RJ)
SUEANN CAULFIELD (MICHIGAN UNIVERSITY)
REPRESENTANTE DO CONSELHO: IARA BELELI (UNICAMP)

THIAGO LEITÃO DE ARAUJO

RASTILHOS DA MINA
CONSPIRAÇÕES ESCRAVAS, O RIO DA PRATA E A
ABOLIÇÃO DO TRÁFICO DE AFRICANOS NO BRASIL

EDITOR A U N I C A M P

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Gardênia Garcia Benossi – CRB-8ª / 8644

Arl5r Araujo, Thiago Leitão de, 1977-
Rastilhos da mina : conspirações escravas, o Rio da Prata e a abolição
do tráfico de africanos no Brasil / Thiago Leitão de Araujo. – Campinas, SP :
Editora da Unicamp, 2024.

1. Escravos – Tráfico – África. 2. Escravidão – Prata, Rio da (Argentina e
Uruguai) – Fronteiras – Liberdade. 3. Escravos fugitivos. 4. Brasil – História
– Lei da Abolição do Tráfico, 1850. I. Título.

CDD – 306.362096
– 341.42
– 326.809
– 306.3620981

ISBN: 978-85-268-1715-9

Copyright © by Thiago Leitão de Araujo
Copyright © 2024 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade do autor e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga estudos sobre a produção de diferenças e desigualdades na perspectiva da história social. Os livros autorais e as coletâneas resultam de pesquisas relacionadas aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 – ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*
- 2 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*
- 3 – FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*
- 4 – WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*
- 5 – SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*
- 6 – JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*
- 7 – CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 8 – EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (orgs.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (orgs.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (org.). *Direitos e justiça no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. J.-B. Debret, historiador e pintor. *A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa.*
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911).*
- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850).*
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888).*
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930).*
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA, SIDNEY CHALHOUB (orgs.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX.*
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo.*
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis.*
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832).*
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920.*
- 36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista.*
- 37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990.*
- 38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914).*
- 39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (orgs.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil.*
- 40 – MARCELO MAC CORD, CLAUDIO H. M. BATALHA (orgs.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX).*
- 41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881).*

- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lélío. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.
- 44 – LARISSA ROSA CORRÊA. *Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar*.
- 45 – JACIMARA SOUZA SANTANA. *Médicas-sacerdotisas: Religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (c. 1927-1988)*.
- 46 – ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO. *Escritos de liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*.
- 47 – LUCILENE REGINALDO E ROQUINALDO FERREIRA (org.). *África, margens e oceanos: Perspectivas de história social*.

Para meus pais,
Antônio Tadeu (*in memoriam*) e Moema

AGRADECIMENTOS

Este livro é uma versão modificada da primeira parte de minha tese, defendida em novembro de 2016 no Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A pesquisa que resultou neste estudo começou em 2009, um ano após a defesa do mestrado, quando buscava fontes para escrever novo projeto. Nesse tempo muita coisa se passou, o rumo inicial da pesquisa encontrou outros caminhos e, posteriormente, a descoberta de novas fontes me levou – como a correnteza que tudo arrasta – à questão do papel desempenhado pelas lutas dos escravizados na abolição do tráfico de africanos no Brasil. A tese ficou parada anos a fio, tempo que custa lembrar, em que cada vez mais perdia contato com o ofício de historiador. Para minha sorte, em julho de 2022 surgiu a oportunidade de participar do Concurso da Coleção Várias Histórias, promovido pelo Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult/Unicamp), cuja premiação era a publicação do trabalho. De lá para cá o texto foi revisado e corrigido, partes foram suprimidas, outras, ampliadas e o argumento, matizado. O resultado se oferece agora aos leitores!

Sou grato a todos os funcionários e funcionárias dos arquivos em que pesquisei, onde sempre contei com ajuda e boa vontade muito além de suas atribuições: no Rio Grande do Sul, o Arquivo Público e o Arquivo Histórico do Estado; no Rio de Janeiro, o Arquivo Histórico do Itamaraty e o Arquivo Nacional; em Montevidéu, o Archivo General de la Nación e o Archivo Histórico-Diplomático del Uruguay. Uma parte importante da pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (agosto de 2010 a julho de 2014), a quem agradeço. Outra parte, ao longo de dez anos, foi feita às próprias custas S.A. Nos últimos tempos, o custeio veio das aulas na educação básica nas redes públicas, ministradas, inclusive, a jovens e adultos. Essa experiência me tem feito retomar minhas pesquisas a partir de diferentes

ângulos, e aproveito para agradecer aos meus alunos e alunas, que têm compartilhado comigo a longa espera para ver este trabalho vir ao mundo e vivem me perguntando: “Sor, quando sai seu livro?”. Cá está, e muito me alegra saber que vocês se importam.

Dos tempos formativos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), agradeço à professora Helen Osório, por ter despertado meu interesse em história demográfica e econômica; à professora Regina Xavier, por tudo aquilo que se deve a quem nos ensina o ofício; e ao professor Enrique Serra Padrós (*in memoriam*), por fazer nosso sangue ferver contra todas as injustiças e nos fazer ter ódio dos usurpadores deste mundo. Devo muito ao excepcional curso sobre cultura popular ministrado pela professora Claudia Lee Williams Fonseca em 2006, na Pós-Graduação em Antropologia da mesma universidade.

No Cecult encontrei um excelente local de aprendizado e estrutura para pesquisa, onde foi possível desenvolver e debater estudos ligados à história social da escravidão. Agradeço ao professor Michael Hall, que, juntamente com o cafezinho, me apresentou a biblioteca de ciências humanas e me guiou em seus labirintos, bem como por ter me sugerido realizar pesquisas no Arquivo Histórico do Itamaraty. Muito aprendi com John Monteiro (*in memoriam*), profundo conhecedor de história indígena. Silvia Lara e Sidney Chalhoub me brindaram com sugestões na qualificação do doutorado, momento em que a abolição do tráfico de africanos ainda não era o tema central do meu estudo, além de suas aulas e dos debates na linha de pesquisa. Rebecca Scott ministrou um excelente curso, Escravidão, Direito e Justiça no Mundo Atlântico, na UFSC, em 2012, que me foi de grande valia. Agradeço à professora Lucilene Reginaldo, coordenadora da Coleção Várias Histórias, pelo apoio e pela paciência na produção deste livro (demorou, e não foi pouco). Flávia Peral foi sempre gentil e solícita, desde os tempos do doutorado e ainda agora. Muito obrigado pela ajuda na preparação dos originais. Sou grato às professoras Camillia Cowling e Iacy Maia Mata, pela leitura atenta, pelo parecer no concurso e, ainda, por aceitarem escrever a quarta capa e a orelha do livro. Ao professor Robert Slenes, meu orientador no doutorado, qualquer agradecimento seria pouco, pois a inspiração que resulta de seus trabalhos está presente em muitas partes deste livro. Agradeço por sempre compartilhar seus estudos, colocar à

minha disposição textos ainda inéditos e por aceitar, mesmo estando com muitos afazeres, escrever o prefácio do livro. Obrigado, Bob!

Sou grato aos companheiros e companheiras de travessia – amigos de vida, de trajetórias acadêmicas e muito mais; vocês sabem quem são e a importância que têm. Peço desculpas por não nomear cada um e cada uma, mas, assim, evito o risco que certamente correria de esquecer alguém. Não posso deixar, contudo, de agradecer a Romualdo Paz, que sempre me recebeu de braços abertos durante as pesquisas no Rio de Janeiro; Flávio Gobbi, que me deu guarida num período da escrita, no já distante ano de 2016, na simpática Barra do Ribeiro (onde, aliás, descobri as fontes britânicas sobre a conspiração mina-nagô que mudaram o rumo deste livro); e ao historiador e amigo César Castro Pereira, pela excelente pesquisa que realizou nos inventários *post mortem* utilizados neste trabalho.

Aos meus pais devo uma imensidão, pois nunca teria chegado a lugar algum sem o apoio que sempre me deram. Tenho lembrança de, ainda pequeno, ter ouvido certa vez minha mãe falar: “Jamais vou dar um parecer que suje meu nome, minha assinatura vai estar lá para sempre”. Tratava-se de algum relatório relacionado aos estudos de impacto ambiental que, como bióloga pesquisadora da Fundação Zoobotânica do Estado do Rio Grande do Sul, ela e demais colegas faziam em áreas que deviam ser mapeadas e protegidas dos impactos que seriam causados devido à implantação de hidrelétricas, polos carboníferos e petroquímicos etc. Relembro essa passagem de dona Moema, poderia ser outra do pai, pois a eles devemos (eu e meus irmãos) nossa formação, assentada no caráter, na ética, no sentimento de justiça, no respeito por todos os seres vivos e na integridade moral.

Jamais houve época em que a dialética da imposição da dominação e da resistência a essa imposição não fosse central no desenvolvimento histórico.

E. P. Thompson

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	19
PRÓLOGO.....	23
1. A EXPANSÃO DA FRONTEIRA ESCRAVISTA	33
2. TRÁFICO ILEGAL DE AFRICANOS E A ECONOMIA DO CHARQUE.....	81
3. A ESCRAVIDÃO ENTRE A GUERRA E A ABOLIÇÃO: FUGITIVOS E SOLDADOS NEGROS	129
4. A TERRÍVEL E INEVITÁVEL RETRIBUIÇÃO DA ÁFRICA: CONSPIRAÇÃO MINA-NAGÔ.....	181
5. 1848: REBELDIA ESCRAVA E A QUESTÃO DO TRÁFICO ILEGAL DE AFRICANOS	219
6. <i>NEC HERCULES CONTRA DUO</i> : A LEI DE 1850 E A ABOLIÇÃO DO TRÁFICO	305
EPÍLOGO.....	389
FONTES.....	405
BIBLIOGRAFIA	427

PREFÁCIO

Neste livro, Thiago Leitão de Araujo ressalta o papel da própria senzala na abolição do tráfico de africanos. Durante muito tempo, os estudos sobre o fim daquele comércio para o Brasil em 1850 enfocavam o crescente medo entre os senhores, ao longo das décadas anteriores, de que a Inglaterra, de um lado, e a Argentina e a “Banda Oriental” (Uruguai) (uma vez tendo estas últimas regiões abolido o cativo em seus territórios), de outro, entrariam em guerra contra o Brasil – guerra em que os ingleses iriam bloquear os portos, impedindo a exportação de açúcar e outros produtos e os países sul-americanos tentariam recuperar territórios perdidos para seu vizinho ao norte na virada do século 18 para o 19. Se isso acontecesse, o governo brasileiro temia que os inimigos externos poderiam ter o respaldo de aliados internos – os próprios escravizados. Isso porque seu número, especialmente o dos africanos, havia aumentado muito desde o final do século 18 e mais ainda após o “fim” do tráfico, em 1831, declarado por uma lei brasileira cada vez mais burlada nas duas décadas subsequentes.

Thiago se aprofunda, e muito, na pesquisa sobre essas questões. Em especial através de arquivos mantidos em segredo na época estudada, delinea o medo do governo e de seus agentes com respeito à possível aliança dos escravizados com os inimigos externos. Ele descobre, inclusive, que o medo era tão grande que discussões sobre o assunto tendiam a ser reservadas para sessões secretas do Parlamento, ou para correspondências sigilosas entre autoridades; e até mesmo esses documentos eram frequentemente “censurados” por seus autores em pontos críticos, com medo de que as informações vazassem – assustando fazendeiros e estimulando a rebeldia dos cativos. Por causa desses estratégias, os historiadores não haviam ainda apreciado o real perigo de rebeliões escravas no contexto da época.

Mesmo os agentes do governo mais conhecedores desse perigo o subestimavam, por causa de seu racismo – sua presunção de que os

africanos e seus filhos eram “bárbaros”, sem bases culturais próprias para formarem uma efetiva resistência de grupo e dependentes de informações e incentivos introduzidos por gente livre (mascates, especialmente) para se unirem e contestarem sua condição. Thiago critica essa visão recorrendo a uma nova bibliografia sobre os “cultos de aflição-fruição”, muito arraigados tanto na África Central quanto na África Ocidental. Tais cultos permitiam que cativos separados radicalmente de suas famílias e grupos de pertencimento – por exemplo, nos navios negreiros – formassem novos laços estreitos com seus “irmãos” de infortúnio. Como resultado, em todas as Américas os companheiros do mesmo navio negreiro se reconheciam como “barcos” (metonímia para “companheiros de barco”). Em regiões de grande mistura de gente das duas regiões africanas usava-se o nome para “barco” na língua da colônia europeia: “sipi” (corruptela de *ship*) na Jamaica; *carabela* em Cuba; e *bâtiment* em Saint-Domingue (Haiti). Já no Sudeste brasileiro, onde a grande maioria de cativos era da África Central (atual Angola e adjacências), usava-se *ma-lúngu* (em kikongo, plural de “canoa”, mas plural, aqui, indicando grandeza – “navio” –, como “águas” em português, na expressão “as águas do oceano”). De *ma-lúngu* vem *malungo*, o substantivo que indica “grande amigo”, usado até hoje no Brasil. Um exemplo brasileiro da força desse novo conceito de “família” é o caso de alguns escravizados da África Ocidental que chegaram ao Rio de Janeiro no mesmo navio negreiro em 1821 e, em 1836, já libertos, fretaram um navio para levá-los de volta a sua terra de origem.¹

Agora, além dos malungos do mesmo barco, havia também “malungos” formados em “cultos de aflição-fruição” na mesma fazenda (ou fazendas vizinhas), ou em pequenas propriedades na mesma cidade. Uma característica comum a esses cultos era o ritual final em que se raspava o cabelo, sinal da formação do novo laço de parentesco. Ora, se cativos da África Ocidental e Central não tinham a mesma palavra para significar “malungo” (daí, em casos de mistura dos dois grupos, o recurso à palavra da língua europeia dominante em cada região), eles tinham, sim, a mesma prática simbólica para indicar seu pertencimento à nova família: o raspar do cabelo, prática corrente nas duas regiões da África – e, hoje, característica das cerimônias de iniciação dos candomblés (de origem *nagô*, ou misto, *nagô-bantu*).

Enfim, os cativos africanos (e seus filhos) no Brasil não precisavam de informações introduzidas por gente externa, como mascates, para